

Segunda edição da Semana Mais Cultura levou arte a todo o câmpus

De espaços próprios da arte como anfiteatros e a concha acústica, a locais menos convencionais como prédios administrativos, salas de atendimento, consultórios e mesmo os corredores do Hospital Universitário se tornaram palco na semana de 22 a 28 de agosto na Cidade Universitária em Campo Grande. Artistas convidados, docentes e discentes da Instituição realizaram apresentações diversas na II Semana Mais Cultura, impactando as comunidades universitária e externa. Todos os eventos foram gratuitos e abertos ao público e a recepção foi surpreendente até para o coordenador do projeto, professor Marcelo Fernandes. “Percebemos uma necessidade latente por atividades desse tipo”, afirmou.



4

Acadêmicos da saúde almejam sorriso dos pacientes



Foto: Giovana Fernandes Ribeiro

Por meio do projeto de extensão “Rir é o melhor remédio”, calouros e veteranos dos cursos de Medicina, Fisioterapia e Enfermagem passam por treinamento específico para se tornarem palhaços. O objetivo é a humanização do profissional em formação e também a transformação do ambiente hospitalar “atendido”. O treinamento é feito em seis meses e mais um final de semana intensivo e são trabalhados desde a consciência corporal até a musicalização. 6

Danos em folhas podem ser detectados por aplicativo

Com o objetivo de criar uma ferramenta para calcular automaticamente a área foliar atacada pela ação de insetos em diferentes culturas de grãos, o professor Bruno Brandoli Machado criou o aplicativo BioLeaf. A pesquisa, realizada no Câmpus de Ponta Porã no curso de Ciência da Computação, durou dois anos, e contou com a parceria de diversos pesquisadores da UCDB, INOVISÃO, USP, EMBRAPA Gado de Corte e IFMS de Ponta Porã. 8



Laboratório da Instituição é pioneiro no estado

De acordo com o professor Douglas de Araujo, do setor de Biologia Geral, o Laboratório de Citogenética Molecular Animal da UFMS é até o momento o primeiro e único no estado onde é realizada a *hibridação in situ fluorescente*. A técnica pode au-

xiliar tanto na distinção das espécies quanto na discussão evolutiva sobre as mesmas. Toda a aparelhagem do laboratório e o microscópio de fluorescência em específico foram adquiridos com fomento recebido por meio de editais. 5

Pesquisadores de Três Lagoas buscam concepção de público leitor

Sob a hipótese de que determinados públicos poderiam requerer projetos editoriais com características específicas, a pesquisa “Reendereçamentos de *Dom Quixote*: concepção de público leitor” é desen-

volvida no Câmpus de Três Lagoas. O objetivo é desvendar reendereçamento de clássicos da literatura e a coordenação é da professora Amaya Obata Mourinho de Almeida Prado, do curso de Letras do CPTL. 3



Cidade Universitária
Bairro Universitário - CEP: 79070-900 - Campo Grande /MS
E-mail: reitoria@ufms.br
Atendimento Geral: (0xx67) 3345-7001
Reitoria: (0xx67) 3345-7010

Coordenadoria de Comunicação Social UFMS
E-mail: acs.rtr@ufms.br
Telefone: (0xx67) 3345-7988 / 3345-7024

Chefe: Profª. Drª. Daniela Ota

Produção de textos: Ana Paula Banyasz (MTb MS/740), Ariane Cominetti (MTb MS/654) e Paula Pimenta (MTb MS/125)

Bolsista: Geovanna Yokoyama

Diagramação: Maira Camacho, Marina Arakaki e Vanessa Azevedo

Fotografias: Ana Paula Banyasz, Ariane Cominetti, Marcos Vaz e Paula Pimenta

Fotolito: Cromoarte Fotolitos
Impressão e acabamento: Editora UFMS
Tiragem: 3000 exemplares

Reitora: Profª. Drª. Célia Maria Silva Correa Oliveira
Vice-Reitor: Prof. Dr. João Ricardo Filgueiras Tognini

Pró-Reitores:

PRAD - Adm. Marcelo Gomes Soares

PREAE - Prof. Dr. Valdir Souza Ferreira

PREG - Profª. Drª. Yvelise Maria Possiede

PROGEP - Prof. Dr. Robert Schiaveto de Souza

PROINFRA - Prof. Dr. Julio Cesar Gonçalves

PROPLAN - Profª. Drª. Marize Lopes Pereira Peres

PROPP - Prof. Dr. Jeovan de Carvalho Figueiredo

EDITORIAL

Esta edição do Jornal da Universidade informa sobre ações da UFMS voltadas não só à formação integral dos seus alunos como também à completa interação da Instituição com a comunidade. Os diversos aspectos são contemplados com pesquisas na área da tecnologia aplicadas ao trabalho no campo e à saúde, e projetos que buscam a humanização dos profissionais e a promoção da cultura em geral.

Criatividade e vontade de encontrar soluções para problemas corriqueiros são abundantes para os acadêmicos e professores do câmpus de

Ponta Porã. Eles desenvolveram dois aplicativos distintos que em muito são úteis na vida cotidiana. O primeiro, intitulado BioLeaf e voltado à agricultura, identifica nas folhas e calcula automaticamente a área atacada por insetos herbívoros em lavouras, facilitando a estimativa da quantidade de inseticida para aplicação. O segundo, intitulado 2 + Dengue, repassa ao usuário informações sobre a doença e a prevenção, ensina a montagem de uma armadilha para mosquitos a partir de materiais recicláveis e ainda recolhe dados para

o sistema de mapeamento geolocalizador.

Também na área da saúde, mas no câmpus de Campo Grande, um projeto de extensão multidisciplinar congrega alunos de Enfermagem, Fisioterapia e Medicina em torno dos mesmos objetivos: a humanização em sua formação e a transformação do ambiente hospitalar. O projeto “Rir é o melhor remédio” promove capacitações que além de favorecerem o conhecimento de técnicas cirúrgicas, propiciam o autoconhecimento e o desenvolvimento de aptidões artísticas pessoais.

E por falar em arte a II edição da Semana Mais Cultura mais uma vez movimentou a Cidade Universitária e encantou as comunidades acadêmica e externa. Além da grande participação dos alunos de Música e outros cursos enquanto artistas, difundindo a produção cultural universitária, o evento contou com diversos artistas de fora da Instituição o que resultou em mais de 200 apresentações. O público também foi bastante receptivo e pôde aproveitar tudo gratuitamente.

Estas e outras notícias podem ser conferidas nas próximas páginas. Aproveite!

Evento esportivo reúne acadêmicos de diversos cursos



Jogo de voleibol feminino entre os cursos de Direito e Computação

Durante os dias 29, 30, 31 de julho e nos dias 6 e 7 de agosto, a Liga das Atléticas da UFMS realizou o I Jogos Interatléticas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (JIUFMS). Com o apoio da FUNDESPORTE e da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos

Estudantis (Preae), o evento esportivo reuniu ao todo 18 atléticas para a competição, sendo elas dos cursos de Administração, Arquitetura e Urbanismo, das Ciências Exatas, Computação, Direito, Economia, Educação Física, Enfermagem, Engenharias, Farmácia, Fisioterapia, Jornalismo,

Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Zootecnia.

Possuindo como principal objetivo estimular a prática do desporto universitário com fins educativos e competitivos, a disputa aconteceu na Cidade Universitária, dentro das quadras em frente ao Bloco VII, no campo da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FAMEZ), como também no Ginásio Moreninho. Foi constituída

por 5 modalidades: futsal, voleibol, basquetebol, handebol e futebol society, todas nos napes feminino e masculino.

Alcançaram a melhor posição na classificação geral, as equipes da Associação Atlética Acadêmica de Engenharias (A.A.A.ENG), seguida pelas equipes do curso de Direito, da Carlos Anzoategui Neto Associação Atlética Acadêmica (C.A.N.A.A.A.).



Semifinal de voleibol entre os cursos de Educação Física e Medicina Veterinária

Foto histórica



Em 30 de março de 2010 foram inauguradas as instalações próprias do Câmpus de Naviraí (CPNV), localizado na Rodovia MS 141, Km 4, saída para Ivinhema. O câmpus ocupa uma área total de 10 hectares, cedida pela prefeitura. Na imagem a Reitora, professora Célia Maria da Silva Oliveira, o então diretor do Câmpus de Naviraí, professor José Alcione Feitosa Leal, o então vice-prefeito de Naviraí, Ronaldo Botelho e o Deputado estadual Onevan de Matos.

Notícias

Servidores tomam posse

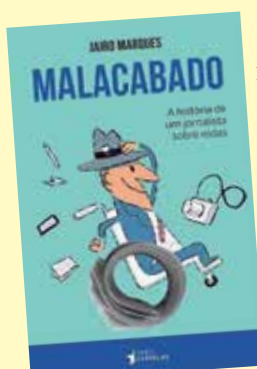
No dia 1º de agosto, no auditório do Laboratório de Análises Clínicas (LAC) da Universidade cerca de 70 novos servidores foram empossados. Os servidores são técnicos administrativos em educação das classes C e D, e passaram a atuar tanto na Cidade Universitária como nos câmpus do interior.

Representando a Reitora da Instituição professora Célia Maria Silva Correa Oliveira, esteve presente a Chefe de Coordena-

nadoria da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e do Trabalho (PROGEP), Carmem Borges Ortega.

Estiveram presentes também na cerimônia representantes das Pró-Reitorias de Ensino de Graduação, de Administração e de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis, bem como do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Escola de Administração e Negócios e do Instituto de Química.

Egresso lança livro sobre experiências sobre rodas



traz no livro o relato de enfrentamentos e lições que viveu e aprendeu com o in-

O jornalista Jairo Marques, que se formou pela UFMS, lançou em junho deste ano seu livro “Malacabado – a história de um jornalista sobre rodas”. O autor, que é cadeirante devido à poliomielite,

tuito de extrair reflexões a respeito do cuidado que se tem ou se deve ter com a vida alheia e com as próprias atitudes. Jairo trabalha na Folha de São Paulo desde 1999 e assina também na Folha online o blog “Assim como você”, onde aborda aspectos da vida de deficientes e de cidadania. “Malacabado” tem 176 páginas e foi editado pela Três Estrelas. Quem assina a ilustração da capa é Jean Galvão e quem assina a orelha do livro é a também jornalista Eliane Brum.

Estudo visa a desvendar reendereço de clássicos da literatura



Foto: Cedida pela coordenadora

Grupo se reúne semanalmente para discutir obras literárias

No Câmpus de Três Lagoas (CPTL) a professora Amaya Obata Mourião de Almeida Prado, do curso de Letras, coordena uma pesquisa que visa a observar como tem sido a transmissão da obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, para os jovens leitores brasileiros, distanciados do universo hispânico e de sua língua. Intitulado “Reendereçamentos de *Dom Quixote*: con-

cepção de público leitor”, o estudo nasceu da observação da professora do surgimento de muitas adaptações da obra que, segundo Amaya, têm um claro direcionamento para o público escolar.

“As diversas adaptações foram objeto de compras governamentais para distribuição nas escolas públicas. Assim, essa quantidade de adaptações e essa distribuição nos permitem levantar hipóteses de que

determinados públicos poderiam requerer projetos editoriais com características específicas e que os textos, por seu turno, poderiam conter aspectos estruturais e estilísticos escolhidos a partir de uma concepção prévia de público leitor”, explica.

A pesquisa vem sendo desenvolvida informalmente há pelo menos dois anos, mas, a partir de 2015, foi organizado um grupo de estudos e discussões do qual participam alguns acadêmicos do curso de Letras. Do 1º semestre de Letras/Literatura do CPTL participam: Cláudia Regina Pereira, Clayton Martins da Silva e Beatriz Nunes. Do mesmo curso, mas do 5º semestre participam: Ana Elisa Toneti, Lucas Borel Cristiano e Milena Claudino. E do 5º semestre de Letras/Espanhol do CPTL participam: Flávio Faccioni, Gabriela Carvalho dos Santos e Inês dos Santos Reis. Além da professora, outro docente envolvido na pesquisa é Wagner Corsino Enedino também do CPTL.

O grupo realiza reuniões sema-

nais para discutir textos lidos. “Há um corpus teórico comum, que parte de textos da Estética da Recepção, das teorias sobre Letramento Literário, de Crítica Literária e de estudos imanentes dos textos literários. Quanto a estes, há uma abertura para que se analisem os reendereçamentos de outras obras canônicas e por isso cada participante teve a liberdade de selecionar uma obra de seu interesse”, explica a professora que ministra as disciplinas de Literatura Infanto-juvenil e Literaturas de Língua Espanhola.

De acordo com Amaya são encontradas com facilidade muitas adaptações, algumas delas produzidas para o público escolar, cuja principal característica é a extrema simplificação, tanto do conteúdo como da forma, fato que, via de regra, descaracteriza o texto clássico. Tais alterações são geralmente justificadas pelos adaptadores e editores em paratextos, com argumento de facilitar a leitura. “Pretendemos proceder ao levantamento das edi-

ções existentes no mercado editorial brasileiro, identificando seus autores e ilustradores, edições e tiragens, com o objetivo de traçar um percurso histórico da difusão do clássico. Outra preocupação é com a identificação do perfil do leitor que pode ser depreendido dessas produções”, reforça.

Atualmente a pesquisa está na fase de estudos dos textos teóricos e de leitura e análise de diversos textos literários. Além das adaptações de *Dom Quixote*, os pesquisadores estão também definindo quais obras vão compor o *corpus* de cada participante. Por enquanto o projeto não conta com fomento, mas está inscrito em editais e aguardando resultados. “Os próximos passos na pesquisa são o levantamento e a descrição das adaptações disponíveis no mercado, seja de *Dom Quixote*, seja das outras obras que serão analisadas e o prazo de finalização previsto para o estudo é 2017”, finaliza a professora.

Colégio Eleitoral compõe lista tríplice



Após Consulta à Comunidade realizada no dia 4 de agosto, o Colégio Eleitoral da Universidade se reuniu na manhã do dia 18, no auditório do Laboratório de Análises Clínicas (LAC), para deliberar sobre a composição da lista tríplice. O resultado foi homologado e no dia 30 de agosto o Conselho Universitário (COUN) se reuniu para fazer o encaminhamento da lista para o Ministério da Educação (MEC).

REITOR:

Marco Aurélio Stefanés: 32 votos;
Marcelo Augusto Santos Turine: 103 votos; e
Henrique Mongelli: 2 votos.

VICE-REITOR:

Alexandra Ayache Anache: 33 votos;
Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo: 101; e
Ruy Alberto Caetano Correa Filho: 3 votos.

Acadêmicos de jornalismo ganham prêmio regional

“Trabalho que empobrece”. Título que foi atribuído à matéria publicada no Jornal Laboratório Projétil, edição 84, escrita pelos acadêmicos de Jornalismo da UFMS, Ghéssica Rodrigues e Iago Porfírio, sob orientação do professor Edson Silva. Tendo como tema geral do caderno “violação dos direitos humanos na perspectiva da mulher”, Iago conta como optaram por escrever sobre o trabalho infanto-juvenil doméstico: “através da pesquisa que fizemos pra construir a pauta, vimos que o trabalho infantil, especialmente o trabalho infantil doméstico, como categoria a Organização Mundial do Trabalho, é uma das formas mais perversas de violação dos direitos das crianças e adolescentes. Escolhemos esse tema, mas fazendo um recorte para o gênero feminino”.

O desenvolvimento da matéria constituiu-se de etapas, entre elas a pesquisa jornalística acerca do tema e em seguida a garimpagem, momento em que se faz uma “sondagem” em cenários propícios ao tema na busca por personagens para ilustrar essas histórias. As poucas dificuldades que surgiram durante a garimpagem, segundo Iago, foram por se tratar de um assunto delicado que envolvia crianças e adolescentes. No mais, os outros processos da construção jornalística foram distensos, visto que



Reportagem conquistou prêmio regional do Ministério Público do Trabalho

ambos possuem certa proximidade com o tema, pois começaram a trabalhar muito cedo. “Fomos vítimas do trabalho infantil, mas conseguimos quebrar esse ciclo. E quem não consegue?”, complementa Iago. O “ciclo” que se faz menção é aquele em que naturaliza práticas e discursos sobre o assunto, tornando-os enraizados na sociedade. “Disso a gente tira um exemplo das frases que a gente ouve desde criança, ‘eu trabalhei a vida inteira e não morri’, ‘você trabalha pra adquirir experiência’, ‘melhor trabalhar do que ficar na rua’. E por aí vai. Então a questão cultural acaba se sobrepondo ao fator econômico também”, finaliza o acadêmico.

A dupla já colhia bons frutos com artigos da pesquisa realizada. Em 2015, foram classificados em

primeiro lugar no XII Congresso Internacional de Direitos Humanos (CIDH), oferecido pela UCDB. E nesse ano alcançaram a premiação de melhor reportagem da região Centro-Oeste, na categoria acadêmica, oferecido pelo Prêmio Regional de Jornalismo do Ministério Público do Trabalho (MPT).

Sobre essa experiência, Iago afirma que acha interessante, “pois é um reconhecimento que existe de fato esse problema social que compromete o futuro da criança. Além do reconhecimento pelo trabalho acadêmico, pela possibilidade de trabalhar essas narrativas, uma coisa mais diferenciada, um jornalismo mais rico mesmo, de imersão. De você ir lá, ficar, ouvir, pesquisar afincado e não fazer uma coisa superficial”.

Semana Mais Cultura teve mais de 200 apresentações



O festival de arte e cultura foi realizado novamente pela Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (Preae) entre os dias 22 e 28 de agosto, no câmpus da UFMS em Campo Grande. Esta segunda edição contou com apresentações musicais e de dança, discussões acadêmicas sobre arte, mostra de curtas metragens e fotografias, entre outros eventos abertos ao público e gratuitos.

A proposta da Semana é fomentar o diálogo entre a produção da Universidade e a produção artística da comunidade. Entre os destaques estiveram os grupos e artistas convidados, como o Tri-Atto Núcleo Cênico, com o espetáculo: Cantigas dum Fazedô (sobre o Morte e Vida Severina) e o Coral de Câmara da USP que se apresentou como participante do Encontro de Coros, e a participação do curso de Artes Cênicas da UEMS que realizou oficinas e apresentações. Durante a semana o Teatro Glauce Rocha recebeu também uma apresentação gratuita diferente por dia.

Além dos convidados, o evento promoveu a difusão da produção realizada pelos cursos da UFMS como Arquitetura e Urbanismo, Música, Artes Visuais e o Clube de Astronomia Carl Sagan, com observações do céu durante todas as noites. O curso de Educação Física contribuiu com apresentações de dança, Letras com declamações, Jornalismo com mostra de fotografia e curtas metragens. Artistas independentes que realizam produções artísticas, mas estudam em outros cursos ou trabalham no câmpus, também integraram o evento. Foram oferecidas ainda oficinas gratuitas de desenho, canto, produção de texto, fotografia, entre outras.

Para o professor Marcelo Fernandes, chefe da Coordenadoria e coordenador do evento, o que o surpreendeu na Semana foi a recepção do público. “Já conhecia a qualidade das apresentações, mas o efeito que causaria no público era para mim uma incógnita. Fiquei surpreso positivamente, percebi que havia uma necessidade latente por cultura que nem nós imaginávamos”, afirmou.

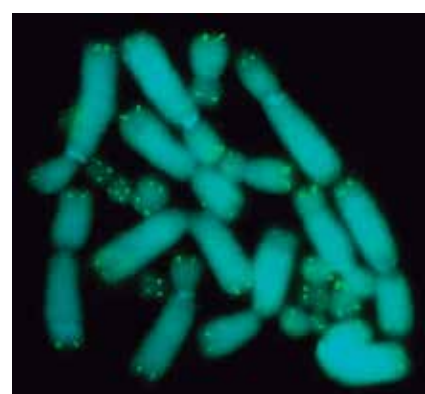


Universidade tem laboratório para estudos cromossômicos



Professor Douglas de Araujo montou o laboratório com fomento de editais

Por meio de um projeto de pesquisa, que recebeu fomento da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect), o professor Douglas de Araujo, do setor de Biologia Geral, montou na UFMS o primeiro (e até o momento único no Estado) Laboratório de Citogenética Molecular Animal. O espaço conta com toda a aparelhagem necessária para a realização da *hibridação in situ fluorescente* em cromossomos, uma técnica que pode auxiliar tanto na distinção das espécies quanto na discussão evolutiva sobre as mesmas.



Cromossomos de "esperanças" com os telômeros marcados pela *hibridação in situ fluorescente*

Diferenciação

Segundo Douglas algumas espécies, as chamadas "crípticas", são morfologicamente difíceis de distinguir, daí surge a necessidade de se estudar, por exemplo, seus cromossomos. De acordo com o pesquisador, quando o estudo é feito nesse nível é comum que sejam descritas as características básicas dos cromossomos, como a morfologia, o número presente na espécie, os tipos de cromossomos sexuais, entre outras, mas, às ve-

zes essas características não são suficientes, sendo necessário um olhar para a citogenética molecular da espécie.

No laboratório da UFMS são utilizadas sondas (fragmentos específicos de uma substância similar ao DNA) que são homólogas, ou seja, similares em sequência, a algumas regiões existentes nos cromossomos. Por serem semelhantes (apresentarem complementaridade entre as bases), quando em contato com o cromossomo, as sondas se ligam nele justamente na região onde existem essas bases similares, indicando assim para o pesquisador a composição daquela área do cromossomo. "Para a visualização de todo esse processo é utilizada a *hibridação in situ fluorescente*, por meio da qual acoplamos na sonda uma molécula fluorescente para que eu consiga visualizar exatamente onde essa sonda se ligou, onde ela 'hibridizou' no cromossomo. Assim, aplicando esse mesmo tipo de sonda, podemos comparar onde ela hibridizou e eventualmente diferenciar as espécies", elucida.

O laboratório possui um microscópio de fluorescência (adquirido por meio do edital Pró-Equipamentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES) que tem filtros específicos que permitem a passagem apenas de alguns comprimentos de onda da luz. Esses comprimentos excitam as moléculas fluorescentes para que elas emitam fluorescência em outro comprimento de onda específico, se tornando assim visíveis ao pesquisador.

Metodologias e técnicas

Para conseguir os cromosso-

mos para os estudos os pesquisadores podem ir a campo para coletar o animal ou receberem o animal dos interessados na técnica, mas é importante que os animais estejam vivos. "Até agora a demanda mais efetiva foi de pesquisas com invertebrados, então são animais muito pequenos. Realizamos aqui a dissecação e retiramos o órgão de interesse. Normalmente nos invertebrados buscamos as gônadas (testículos e ovários) porque são onde existe grande atividade de divisão celular, ou seja, onde há cromossomos na fase que mais nos interessa. Especificamente nos ovários e testículos é fácil de visualizar a mitose e a meiose (fases da divisão) o que é muito bom para a aplicação da técnica", afirma o professor.

O órgão recebe então uma substância que paralisa a divisão celular na metáfase (uma fase da divisão celular), quando o cromossomo está no seu formato mais visível. É utilizada então outra substância para que a célula se expanda e os cromossomos tenham mais espaço para se espalhar dentro dela, facilitando a contagem e a verificação de sua morfologia, entre outras características. Por último os pesquisadores aplicam uma substância para preservar a célula com as características mais próximas de quando ela estava viva e assim são feitas as lâminas que serão acrescidas das sondas e levadas ao microscópio.

Descobertas

"O interessante da aplicação dessa técnica é quando a gente encontra algo inesperado. Aqui no laboratório trabalhamos com sondas

de telômeros, ou seja, com sondas que comumente se ligam apenas às extremidades dos cromossomos e isso será visto por meio da fluorescência. Mas observamos em uma das análises marcações fluorescentes nos cromossomos de uma espécie que estavam fora da região dos telômeros, estavam no meio dos cromossomos. Isso pode ser um indício de que pode ter acontecido ali um evento de fusão entre dois cromossomos. Poderiam ser dois cromossomos, cada um com seus telômeros nas pontas, que se fusionaram e por isso a sonda se hibridizou no meio dos cromossomos, deixando aquela marcação fluorescente. Isso pode nos permitir a distinção de espécies (área chamada de citotaxonomia) e também discutir como os cromossomos desse grupo de animais evoluíram", explicou o professor.

Pesquisas e publicações

Atualmente cerca de cinco pessoas realizam pesquisas no local: duas pós-doutorandas, uma mestranda e dois bolsistas de iniciação científica. A pós-doutoranda Juliana Chamorro Rengifo, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Biologia Animal da UFMS, desenvolve um trabalho com invertebrados chamados de "esperanças" e é supervisionada pelo professor Douglas. Já a pós-doutoranda Lívia Medeiros Cordeiro, que também está vinculada à Pós em Biologia Animal, não é supervisionada pelo professor, mas utiliza o laboratório para pesquisar principalmente animais de caverna. "Ela trouxe em fevereiro deste ano animais que se chamam *Onychophora* para analisarmos no laboratório. Esses animais em específico não foram coletados em caverna, mas fazem parte de um grupo raro de animais, bem interessantes. Não são muito comuns, lembram um verme, mas têm pernas. Estamos começando a análise", explica Douglas.

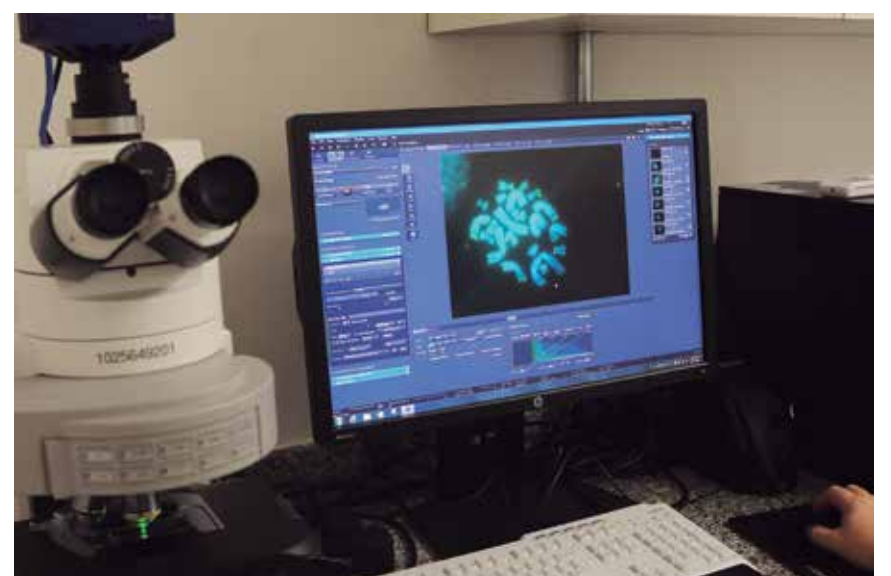
A mestranda em Biologia Animal, Mariana Bessa Sanchez é orientanda do professor e trabalha com cromossomos de aranhas. Os graduandos em Biologia (Licenciatura) e bolsistas de iniciação científica Bruno Cansação da Silva e Lucas Henrique Bonfim realizam pesquisas há dois anos no laboratório e já desenvolveram projetos tanto com aranhas como também com esperanças. Segundo o professor já foram publicados artigos em revistas especializadas internacionais e resumos em eventos internacionais e nacionais.

"O interessante é que o laboratório atenda não apenas pesquisadores da UFMS mas, eventualmente, até de outras instituições porque é o primeiro no estado onde está sendo aplicada essa técnica de *hibridação in situ fluorescente* em cromossomos", lembra Araujo.

Composição

O laboratório é composto por um refrigerador para armazenar reagentes; um freezer, também para armazenar reagentes e armazenar amostras biológicas; um aparelho para banho-maria, pois alguns experimentos têm de ser conduzidos em câmara úmida e numa temperatura controlada (características proporcionadas pelo banho-maria); e uma estufa bacteriológica, que também mantém uma temperatura específica, mas mais baixa do que se pode conseguir com o banho-maria. "Existe uma fase justamente na técnica de hibridação quando o material tem de se manter a 37°C por 4 horas, então essa estufa bacteriológica proporciona isso", alerta o professor.

Há no laboratório ainda uma lupa para dissecar os animais, que costumam ser muito pequenos; um microscópio comum para a observação das lâminas e o microscópio de fluorescência para a hibridação.



Microscópio de fluorescência tem filtros específicos

Facom oferece projeto de capacitação profissional Hackatruck



Unidade móvel será estacionada perto da Facom para cursos

A UFMS será a única universidade no Estado a receber o Hackatruck, projeto de capacitação profissional de estudantes de Instituições de Ensino Superior de Tecnologia da Informação, em

Programação Swift para Plataforma iOS, com palestras sobre inovações tecnológicas e carreiras de TI. Patrocinado pela IBM Brasil e Flex em colaboração com a Apple e executado pelo Instituto de Pesquisas Eldorado, o projeto

será oferecido gratuitamente aos estudantes da Faculdade de Computação (Facom).

Mas para participar, os interessados precisam passar por uma etapa inicial, em curso a distância. Os que tiveram melhor desempenho na fase EAD, realizada de 8 de agosto a 4 de setembro, foram selecionados para a fase presencial no caminhão, a acontecer no período de 3 a 21 de outubro, com 60 horas. Ambos os cursos contarão como atividade complementar. Para a fase EAD as vagas eram ilimitadas. Já para a presencial foram disponibilizadas 54 vagas. O curso EAD teve como conteúdo: lógica de programação, orientação a objetos e introdução ao Swift. Os alunos

tiveram de fazer um vídeo e disponibilizá-lo no YouTube sobre seus hobbies, sua experiência e suas expectativas com relação ao Hackatruck.

Segunda fase

Os alunos selecionados para a segunda fase o farão em unidade móvel que estará estacionada perto da Facom no mês de outubro. Haverá duas turmas, uma à tarde (13h-17h) e outra à noite (18h-22h).

Segundo o diretor da Facom, professor Nalvo Franco de Almeida Junior, apesar de os cursos da Facom terem em seus projetos pedagógicos disciplinas e atividades complementares bem aprofundadas nas diversas lingua-

gens de programação, algumas especificações voltadas para dispositivos móveis não são completamente atendidas e, quando são, carecem de atualização, uma vez que o avanço das tecnologias do mercado de dispositivos móveis é muito acelerado.

“Por isso existe ainda uma carência enorme de profissionais qualificados para essas tecnologias móveis, em particular para equipamentos com sistema operacional iOS (iPads e iPhones). Trata-se, portanto, de uma excelente oportunidade aos alunos da Facom de poderem se qualificar, gratuitamente, nessas tecnologias, com o aval da IBM e da Apple”, completa o diretor da Facom.

Rir é o melhor remédio está no sexto ano de atuação



Calouros e veteranos passam seis meses se capacitando

Há seis anos um projeto de extensão tem levado acadêmicos da área da saúde para um “atendimento” diferenciado no Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian (HUMAP). Com um jaleco branco, mas com o rosto colorido, adereços engraçados e um nariz de palhaço, os calouros e veteranos visitam periodicamente algumas alas do hospital em busca do riso dos pacientes.

Além da transformação do ambiente e da realidade de quem está internado, o projeto “Rir é o melhor remédio” visa à humanização dos alunos da área da saúde. Segundo uma dos quatro atuais coordenadores, a aluna do 3º semestre de Medicina Maria Paula Belini, o “Rir”, como é carinhosamente chamado, foi criado em 2010 por representantes da Medicina, e, em 2014, recebeu a inclusão dos acadêmicos de Enfermagem e Fisioterapia. A orientadora é a professora Alexandra Maria de Almeida, mas os coordenadores são sempre acadêmicos do 3º e 4º semestre dos três cursos envolvidos. O projeto não recebe nenhum tipo de fomento e todas as captações de apoio feitas são para investimento no próprio projeto como a venda de camisetas para a compra de maquiagens para os próprios palhaços.

A cada ano a coordenação é renovada, porque o projeto é uma atividade especificamente para calouros e alunos que cursem no máximo o 4º semestre de cada graduação. “Assim, no ano passado a gente entrou na Universidade e participou

do projeto, agora em 2016 estamos como coordenadores, depois de uma seleção feita pelos coordenadores anteriores. A ideia é mesmo começar o trabalho de humanização do profissional já no início da graduação, para que a desenvolvam bem ao longo de sua carreira acadêmica”, comentou Priscilla de Figueiredo Araújo, também coordenadora do projeto e aluna do 3º semestre de Fisioterapia. Além de Maria Paula e Priscilla, também respondem pela coordenação atual do projeto os alunos Gustavo Pasquim Guedes e Marjana Pinto da Silva, de Medicina e Enfermagem, respectivamente, ambos do 3º semestre.

Ao todo 57 pessoas participam do projeto, sendo 45 integrantes regulares, que receberão o certificado da atividade de extensão, e 8 voluntários. “Infelizmente o Hospital também não comporta mais do que essa quantidade de acadêmicos, então trabalhamos em um sistema de rotatividade, com grupos menores de três ou quatro acadêmicos ‘atendendo’ a cada quarto”, explica Gustavo.

O “atendimento” realizado consiste em visitas aos internados regadas a conversa, palhaçadas, piadas e música. As visitas são feitas apenas no HUMAP até o momento, e apenas em alguns setores como a Clínica Médica, a Cirúrgica II e a Pediatria. Isso porque existem setores mais complicados por questões relacionadas à precaução de contato e devido à gravidade das enfermidades dos internados. Mas o grupo tem intenção de expandir o atendi-

mento para outros hospitais e outras instituições como asilos e creches.

Edital e treinamento

As atividades anuais do projeto se iniciam com a abertura de inscrições. O número de vagas é distribuído proporcionalmente entre os cursos, conforme a quantidade de calouros que ingressam na Instituição, sendo 30 para Medicina e as outras 15 divididas entre Fisioterapia e Enfermagem. Os voluntários são convocados alternando-se também entre os cursos envolvidos.

Após o período de inscrição, os coordenadores realizam três dias de seleção em um processo onde são trabalhadas diversas dinâmicas. Na última seleção, no início de 2016, foram cerca de 100 inscritos. “No processo seletivo analisamos cada candidato, verificamos no que ele se sobressai, em qual atividade ele se mostrou mais interessado em participar... é muito importante verificarmos também o entusiasmo para com o projeto, porque inicialmente são seis meses de treinamento para depois eles poderem realmente realizar as visitas”, lembra Maria Paula.

Os coordenadores organizam então reuniões semanais para todo o primeiro semestre, onde são feitas capacitações diversas relacionadas à desinibição, ao sorriso, à integração, improviso, criatividade, aos sentimentos e à musicalização, entre outros. “Especificamente a música é uma das atividades que fazem bastante diferença dentro do hospital, se bobear mais da metade da nossa atuação lá dentro é com música. Então fazemos reuniões para prepará-los para saberem cantar músicas de criança, de sertanejo raiz que os idosos adoram, música gospel...”, explica Priscilla.

Sempre ao final do primeiro semestre de atividades o projeto promove uma capacitação intensiva de dois dias inteiros com um palhaço profissional, vindo até de outro estado. Neste ano a capacitação ocorreu nos dias 20 e 21 de ago-



Treinamento intensivo e “batismo” são realizados uma vez por ano

to, no espaço oferecido pelo curso de Educação Física “DOJO” com o palhaço Alexandre Vinícius Xavier Penha de Maringá (PR). O objetivo é trabalhar o corpo artístico, que os coordenadores acreditam que todos têm, mas nem todos ainda conhecem essa característica em si. “A gente tem de facilitar isso para que o trabalho seja feito, e para isso esse palhaço que já trabalha com o projeto há alguns anos é excelente”, lembra Maria Paula. Na capacitação o palhaço faz um pequeno cerimonial onde “batiza” os novos palhaços, entregando seu nariz como símbolo da formação, e a partir dali estão todos prontos para iniciarem os “atendimentos” no hospital.

Transformações

Após a formação intensiva os coordenadores realizam ainda algumas reuniões para informações sobre biossegurança, o modo de se portar, a vestimenta adequada e a criação de cada personagem, que fica a cargo de cada integrante, e são criadas as escalas de visitas, realizadas aos sábados e domingos. “A gente costuma se reunir a partir das 13h30 aqui na Universidade para nos arrumarmos e passarmos orientações gerais, e nos encaminhamos então para o HUMAP. As visitas dependem muito do clima de cada ambiente, alguns pacientes estão dormindo, outros não são tão

receptivos, mas geralmente não ficamos mais de três horas no hospital. A diferença de quando entramos nos quartos para quando saímos é visível. Às vezes nem fazemos muita graça, só de conversarmos com os pacientes que dividem o mesmo espaço, que por vezes nem se conheciam ou não se comunicavam, já conseguimos mudar o clima do ambiente”, elucida Maria Paula.

A acadêmica enfatiza que além da mudança do ambiente os alunos descobrem mudanças também em si, pois, a partir do momento que colocam o nariz de palhaço lidam com uma parte desconhecida de si, afloram sentimentos que eles nem imaginavam que tinham e tomam atitudes que jamais imaginariam sem o nariz de palhaço. Para Priscilla o “atendimento” é como uma “carícia na alma”, porque muitas vezes os pacientes ficam isolados durante o dia inteiro e só querem mesmo conversar quando recebem as visitas. “Tem vezes que você entra no quarto, doa o máximo de si, mas alguns pacientes simplesmente não querem interagir. Mas muitas das outras vezes quando a gente vê que deu certo, que o clima do ambiente já está mais leve e os pacientes estão sorrindo quando você deixa o local é muito gratificante. Eu vejo que aprendi muito com o projeto, aprendi principalmente a me colocar no lugar do outro, a compaixão” relata Priscilla.

Grupo desenvolve aplicativo sobre Dengue



Iniciativa partiu de Sistema de Mapeamento Geolocalizador criado por alunos

É possível ensinar sobre a dengue em apenas dois minutos? A dúvida ou espécie de desafio inspirou acadêmicos e professores da UFMS e da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) à nomeação de um aplicativo criado para este fim: informar sobre a doença, coletar dados sobre a incidência e mostrar uma maneira de se livrar do mosquito transmissor, com a montagem de uma armadilha. O “2 + Dengue” foi desenvolvido em cerca de seis meses e já está disponível gratuitamente na Google Play para o sistema Android, no endereço play.google.com/store/apps/details?id=edu.dengue.

O estudante de Ciência da Computação do Câmpus de Ponta Porã (CPPP) Leonardo Mauro Pereira Moraes conta que a priori a ideia era coletar dados para um sistema de mapeamento geolocalizador, desenvolvido por ele e pelo então colega de curso Alessandro Murta Bal-

di. Mas, por seqüência, foi possível observar a carência de conhecimento sobre a doença e sobre o mosquito transmissor, o que levou os pesquisadores a traçarem um planejamento mais abrangente e partirem para a criação do aplicativo.

Sob a coordenação do professor Amaury de Castro Junior, Leonardo contribuiu para o “2 + Dengue” com desenhos e revisões; Alessandro, hoje já graduado e cursando o Mestrado em Informática na Universidade Federal do Espírito Santo, com o desenvolvimento, layout e a estrutura do aplicativo; e a aluna de Medicina na UEPG, Eduarda Mirela da Silva Montiel com o conteúdo textual, sob a orientação da professora Ana Kluthcovsky.

Conhecimento

Além do conteúdo para a conscientização sobre a doença, o “2 + Dengue” traz o passo a

passo de como montar e manter uma armadilha para o mosquito, feita a partir de materiais recicláveis, e um questionário sobre o assunto. Os dados recolhidos via web (caso o usuário permita) serão utilizados para o mapeamento das regiões afetadas por meio de Sistemas de Informações Geográficas (SIG).

Para Leonardo Moraes disponibilizar conhecimento não é somente importante, mas extremamente necessário à comunidade. “O intuito é justamente transmitir um conteúdo de grande impacto à população, além de viabilizar esse controle geoespacial das áreas afetadas e contribuir para diversos estudos”, explica.

Eduarda Montiel acredita que a multidisciplinaridade deve ser aproveitada para o bem comum. “Foi bastante interessante participar do desenvolvimento do aplicativo, pois acabamos unindo duas grandes áreas, ciências exatas e ciências da saúde, para desenvolver algo que possa ser útil à sociedade”, comenta. A acadêmica ressalta que o diferencial do “2 + Dengue” é a montagem e acompanhamento da armadilha e alerta que, caso o usuário não o utilize da maneira correta, seguindo o passo a passo e respondendo aos questionários também sobre o material, o aplicativo perde parte de sua utilidade. Alessandro Baldi lembra que o conhecimento é disponibilizado no aplicativo de maneira leve e dinâmica, por isso pode ser utilizado também por crianças em idade escolar, de maneira lúdica.

O próximo passo na pesquisa, segundo Leonardo, é aprimorar o aplicativo com mais conteúdo e novos recursos, incrementar o SIG e buscar parcerias. Eduarda sinaliza a intenção de uma parceria com o Ministério da Saúde,

especificamente com agentes de endemias. “Eles poderiam ficar encarregados da montagem e acompanhamento das armadilhas em seus locais específicos de atuação, colocando os números de larvas de mosquitos transmissores encontrados no aplicativo, o que geraria um banco de dados para o Ministério da Saúde, além da localização dos lugares nos quais foram encontrados os vetores”, finaliza.



Fotos cedidas pelo pesquisador

Aplicativo foi apresentado em congresso

Equidade em Saúde tematizou Jornada Acadêmica de Enfermagem



O tema da vulnerabilidade foi bastante debatido em conferências, palestras, mesas redondas e oficinas. Seminário também trouxe casos de sucesso no atendimento à comunidade.

Viver no limite da sobrevivência, em situação de extrema pobreza e adoecimento, é a realidade das populações tradicionais/ribeirinhas da região do Pantanal, que não têm suas condições humanas respeitadas. Essa foi uma das situações abordadas durante a VII Jornada Acadêmica de Enfermagem e do I Seminário Sul-mato-grossenses de Atenção às Populações em Situação de Vulnerabilidade: Desafios e Estratégias de Implementação da Equidade em Saúde, realizada em agosto pelo curso de graduação de Enfermagem.

Com o tema “Grunhidos dos Excluídos: a reprodução social do adoecimento”, o biólogo e diretor-presidente da Organização Não-Governamental Ecologia e Ação (Ecoa), André Luiz Siqueira, apresentou as

inequidades a que são submetidas essas populações, cerca de 500 famílias, com 4 a 5 membros cada. Segundo o palestrante, essas populações estão vulneráveis a uma série de doenças, intrinsecamente ligadas às maneiras de o homem morar, viver e trabalhar. Eles não possuem moradias dignas, tratamentos básicos e saneamento.

“São populações extremamente maltratadas. É um sistema perverso do poder público de reduzir essas pessoas a nada. A atenção dada a eles está abaixo da atenção dada à fauna da região”, diz o biólogo. Exemplo disso, é que uma ribeirinha, em entrevista a pesquisadores, afirmou que “preferiria ser uma capivara porque elas têm reserva para morar”, já que a população tradicional da região reclama de ser expulsa de algumas áreas

que passaram a ser consideradas reserva ou de proteção ambiental.

Doenças como enteroparasitoses, toxoplasmose, leishmaniose, hepatites, hipertensão e outras são bastante comuns entre os ribeirinhos, que muitas vezes só recebem atendimento médico quando oferecido *in loco*. Muitos nunca foram vacinados em toda a vida e pré-natal não é uma realidade para as gestantes. “Quando na decada e no período de mosquitos, problemas como diarreia e respiratórios são frequentes. É preciso pensar na prática da saúde ampliada. Nada faz sentido se as condições básicas de existência das comunidades pantaneiras não forem respeitadas e garantidas pelo Estado”, afirma o biólogo. O Seminário também trouxe casos de sucesso no atendimento à vulnerabilidade,

como o trabalho realizado pelo Consultório na Rua, da Secretaria Municipal de Saúde de Campo Grande e da Associação de Anemia Falciforme do Estado de São Paulo.

O Consultório de Rua, por exemplo, oferece acesso aos serviços do Sistema Único de Saúde por meio de um consultório itinerante com profissionais que fazem intervenção de saúde à população em situação de rua (crianças, adolescentes e adultos), com atenção básica, prevenção de doenças e agravos, resgate da cidadania e promoção da qualidade de vida. Em Campo Grande, há cerca de 300 moradores de ruas. A maioria são pardos e negros, homens, entre 20 a 39 anos, usuários de álcool e drogas. Além de conferências, palestras, mesas redondas, o evento também teve oficinas e apresentação de trabalhos em grupos.

Pesquisadores criam aplicativo que mede os danos das folhas atacadas pelos insetos



Ferramenta calcula área atacada por insetos

O professor Bruno Brandoli Machado, do curso de Ciência da Computação, do Câmpus de Ponta Porã (CPPP) desenvolveu, com alguns pesquisadores e parceiros, o aplicativo *BioLeaf: a professional mobile application to measure foliar damage caused by insect herbivory*.

De acordo com o professor, o aplicativo é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido durante dois anos, que teve por objetivo criar uma ferramenta para calcular automaticamente a área foliar atacada pela ação de insetos em diferentes culturas de grãos. “O Brasil é um dos maiores produtores de grãos do planeta, respondendo por bilhões de dólares em vendas por ano, o que torna o monitoramento de lavouras contra os danos causados por insetos um fator muito importante para guiar a aplicação de inseticidas. Entretanto, os métodos atuais para medir os danos foliares são caros e dependentes de instalações”, avalia Machado.

Esse cálculo é necessário para estimar o nível de infestação de lavouras e para ajudar agrônomos e agricultores a determinar a quantidade de inseticida que deve ser aplicado em determinada região de uma lavoura. “Isso se reflete em custo de aplicação e, usando o aplicativo, o processo se torna mais rápido e preciso em relação ao uso adequado de veneno, seguindo a recomendação dos fabricantes. Isso recai sobre uma área que hoje tem sido muito importante para ganhar mais competitividade para o agronegócio brasileiro, a Agricultura de Precisão”, explica o professor.

Atualmente, existem quatro maneiras de se medir a perda foliar causada pela predação de insetos:

(1) estimativa visual - o especialista estima visualmente a área atacada por insetos, porém é pouco preciso.

(2) quantificação manual - o especialista usa o método dos quadrados que requer a contagem de pequenos quadrados (por papel milimetrado) que foram preenchidos pelo contorno da folha. Este método é considerado muito trabalhoso, pois demanda muito tempo para a contagem de forma visual, e pode ser influenciado pela fadiga, levando a erros.

(3) determinação das dimensões foliares - mede-se as dimensões baseadas em altura e largura da folha. Embora tal metodologia seja bastante utilizada, ela não consegue estimar as regiões atacadas.

(4) medidores automáticos chamados de integradores de área foliar. Aqui estão dispositivos concorrentes, como LICOR 3100 e ADC AM350, que custam cerca de 13 mil dólares, mais taxa de importação e impostos. “Eles são ditos dispositivos precisos, mas foi constatado que eles apresentam diferentes valores se a leitura for feita para a mesma folha”, avalia Bruno.

O projeto teve como parceiros, pesquisadores da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), do Grupo INOVISAO, coordenado pelo professor Hemerson Pistori, da Universidade de São Paulo (USP), com o professor Jose F. Rodrigues Jr, além de colaboradores da EMBRAPA Gado de Corte e do IFMS de Ponta Porã.

Recentemente, o projeto BioLeaf foi aceito para uma apresentação em uma rede de colaboração do Instituto Britânico de Pesquisa Newton Fund, que será realizada em novembro na cidade de Passo Fundo (RS). Serão apresentadas pesquisas de países do Reino Unido e do Brasil, com o intuito de criar uma rede de pesquisadores em AgroTecnologia para futuras parcerias e intercâmbio de pesquisadores entre os países. Foram selecionadas 32 pesquisas na área de Agricultura de Precisão, 16 do Brasil e 16 do Reino Unido.

O aplicativo é gratuito para fazer o processamento de uma folha. “Entretanto, para processamento em lote estamos estudando a possibilidade de ser cobrada uma taxa pelo produto. Vale ressaltar que este aplicativo foi depositado como registro de software com divisão de receitas entre as instituições participantes, no caso 50% para a UFMS, 40% para a UCDB e 10% para a USP”, revela.

O próximo passo, uma vez que os *downloads* do aplicativo são realizados em diversas partes do mundo, e está disponível em quatro idiomas, é a implementação do processamento de imagens de folhas em lote. “Isso significa que o usuário vai poder selecionar, na sua galeria de fotos, um conjunto de imagens, e o aplicativo automaticamente vai calcular e mostrar na tela o cálculo de cada folha, bem como o cálculo da média de desfolha” afirma.

A pesquisa foi submetida na forma de artigo completo para um periódico internacional (A2) e contou com o total de cinco pesquisadores da UFMS: Bruno Brandoli Machado, Jonatan Patrick Margarido Oruê, Mauro dos Santos de Arruda, Cleidimar Viana dos Santos e Wesley Nunes Gonçalves; quatro pesquisadores da UCDB: Diogo Sarath, Gercina Gonçalves da Silva, Antonia Railda Roel e Hemerson Pistori; e um da USP/ICMC: Jose F Rodrigues-Jr.



Aplicativo é gratuito para uma folha



Cálculo auxilia a estimar nível de infestação de lavouras

LIGA inicia atendimento em Clínica Escola

Criada há três anos, a Liga Acadêmica Cardiológica de Enfermagem (Lace) começa a realizar atendimento semanal na Clínica Escola para acadêmicos da Universidade e comunidade externa.

Formada por 15 alunos de Enfermagem, do segundo ao quinto ano, além de colaboradores, a Liga irá oferecer consultas de enfermagem, com exame físico, levantamento do histórico, acompanhamento da pressão arterial, diagnóstico de enfermagem, orientação, encaminhamento para nutricionista e para consulta médica, quando necessário.

A proposta é atender pelo menos seis pacientes por semana, sempre às sextas-feiras, das 14h às 17h30, na Sala da Liga, na Clínica Escola (prédio atrás da Unidade XII).

Preocupação

A significativa predominância de hipertensão na população brasileira e os casos de pressão alta em familiares jovens levaram a acadêmica de enfermagem Nathalia Freitas

a sugerir a criação da Liga. “Eu queria saber como poderíamos prevenir o surgimento de hipertensão, principalmente entre os jovens. Por isso, conversei com a profes-



Proposta da Lace é atender pelo menos seis pacientes por semana na Clínica Escola

sora Andrelisa Vendramini Parra, que se tornou coordenadora da Liga. O nosso trabalho ganhou uma proporção tão grande, que acabamos estendendo a questão da preven-

ção da criança ao idoso”, diz a acadêmica.

A doença arterial coronariana – hipertensão – atinge cerca de 30% da população adulta brasileira, de acordo com a Asso-

ciação Americana do Coração. E a taxa de controle é baixa, entre 10% a 20%.

Conforme a Organização Mundial de Saúde, doenças cardiovasculares isquê-

micas são as principais causas de mortalidade no mundo, e a hipertensão, assim como a diabetes, interfere nas doenças do coração.

Diante dessa realidade, a palavra chave para a Liga é prevenção. O trabalho do grupo iniciou-se com atendimento às pessoas vulneráveis a cardiopatias em Unidades Básicas de Saúde da Família (com conversa, aferição de pressão, orientação de alimentação).

No ano passado, a Lace realizou visitas em Unidades Básicas de Saúde, eventos em locais públicos para divulgar a Liga, palestras, aulas e acompanhou o trabalho realizado no Centro Cirúrgico e na Unidade Coronariana do Hospital Universitário.

Além da extensão e do ensino, a Liga também trabalha com a pesquisa. O grupo realiza levantamento no ambulatório de cardiologia do Hospital Universitário para saber quais são os motivos que levam as pessoas a não aderirem o tratamento medicamentoso de pressão arterial.